

6º CONCURSO FNLIJ CURUMIM LEITURA DE OBRAS DE ESCRITORES INDÍGENAS - 2009

TECENDO MEMÓRIAS

Autora: Jussara de Oliveira Neves.

Rio de Janeiro – RJ

Quem somos nós, brasileiros, filhos de tantas etnias, feitos de tão diferentes “tecidos” humanos? Qual a nossa cara? Mistura de índios, negros, brancos... A esta fusão chamamos “brasileiro” – uma realidade tecida, entre semelhanças, através das diferenças. Não nos ensinaram, porém, a lidar com as nossas próprias diferenças; menos ainda com as outras que nos cercam. De tudo o que não se conhece tem-se medo... Do medo, surgem os “pré-conceitos”, a rejeição e, conseqüentemente, a exclusão. Somos “tecidos” com diferentes tipos de linha. Originados das diferenças. Condenar e excluir o que nos parece diferente é sentenciar a nossa própria condenação e exclusão. A partir dessa reflexão, resolvi trabalhar, nas aulas de Artes, as três matrizes formadoras do povo brasileiro, privilegiando – no processo – a matriz indígena.

A Matriz Indígena

Antes de iniciar o trabalho, precisei refletir sobre as condições em que ia ter que trabalhar. Comecei, então, o ano letivo com duas questões pertinentes.

Primeira: como trabalhar a questão da leitura com crianças que nunca tiveram contato com a literatura, que nunca leram um livro? A escola não possui biblioteca, e o poder aquisitivo dos alunos é muito baixo.

Segunda: como estimular o interesse deles pelo que diz respeito às suas origens, rompendo os preconceitos, a baixa autoestima e a resistência em adquirir conhecimentos “diferentes”, que estão além do seu universo cotidiano?

Iniciei com a matriz indígena, baseando-me na ordem cronológica da formação do nosso povo e inspirada no mestre Darcy Ribeiro. Ele haveria de me ajudar! Partindo de uma investigação entre os alunos sobre o que eles conheciam a respeito dos índios, constatei a ultrapassada e estereotipada visão de que estes formam uma massa homogênea. Para eles, índios são seres selvagens, primitivos, ingênuos e puros, atrasados intelectualmente, preguiçosos, exóticos, moradores exclusivamente das florestas, místicos e muito, muito distantes e diferentes de nós. Essas eram as opiniões dos alunos a respeito do indígena, embora saibamos que tais informações chegam a eles por diversas fontes localizadas no mundo adulto.

Apesar de a lei número 11.465/08 determinar a transmissão de conhecimentos das Histórias e das Culturas afro-brasileiras e indígenas nas escolas, pouco se vê acontecendo de fato, principalmente no que se refere às culturas indígenas. Como mudar esta visão tão arraigada não só entre os alunos, mas em toda a sociedade? Como aproximá-los dessa questão? Como fazê-los “re-conhecer” o que de indígena existe em nós e o que de nós existe nos indígenas? Haveria apenas diferenças? E nossas semelhanças? De que seriam feitas? Lembrei-me do Seminário do V Encontro de Autores e Artistas Indígenas, realizado em parceria com NEARIN e FNLIJ, em que estive presente. Lá, participando do Seminário, instantaneamente ocorreu-me a ideia de focalizar a

literatura indígena: a literatura escrita por índios – conhecimento da cultura indígena através da versão do próprio índio e, ao mesmo tempo, estaria fortalecendo e estimulando a leitura.

- Como assim?! Existem índios escritores?!!! - exclamaram os alunos.

- Sim! - diante de minha resposta, a mudança de paradigma começou a ocorrer...

Antes de entrar na literatura propriamente dita, mostrei-lhes a noção de “etnias” indígenas: culturas, religiões, línguas e territórios. Expliquei o processo de colonização e catequização e suas consequências até os dias de hoje. Apresentei-lhes a real situação em que os índios “sobreviventes” se encontram, bem como o verdadeiro significado dos conceitos de aculturação e integração, segundo a ótica dos irmãos Villas Boas. Utilizei-me de recursos como fotografias, músicas, artesanatos, mapas etno-gráficos, “causos” interessantes e algumas mitologias indígenas. O interesse dos alunos, diante do que, para eles, era uma nova realidade, começou a brotar através de inúmeras questões.

Dividi, então, a turma em grupos. Apresentei-lhes os exemplares dos livros com que iríamos trabalhar. Cada um recebeu a cópia de um livro – que deveria ser lida e depois contada para todos – e um CD contendo textos explicativos e fotografias sobre a etnia em questão. O CD do grupo que ficou com o livro do autor guarani, também continha músicas. Escolhi três autores pertencentes a etnias diferentes:

- Daniel Munduruku (Munduruku), com o livro “Meu avô Apolinário – Um Mergulho no Rio da (Minha) Memória”;

- Wasiry Guará (Maraguá), com o livro “O Caso da Cobra Que Foi Pega Pelos Pés”;

- Olívio Jekupé (Guarani), com o livro “O Saci Verdadeiro”.

Reuni os grupos, separadamente, pelas etnias dos autores. Após uma breve exposição sobre o universo em questão, fizemos a leitura do livro e elucidamos as questões levantadas, como, por exemplo, o significado das ilustrações. Depois, cada grupo contou a história do seu livro e apontou questões pertinentes à etnia do autor. Alguns contaram as histórias, outros encenaram, com direito a figurinos e adereços confeccionados por eles mesmos.

Percebendo que, embora tivéssemos avançado, ainda existia distância entre o universo dos alunos e a cultura indígena acompanhada de uma grande dificuldade com a leitura. Apresentei-lhes, então, o filme da série “Vídeos nas Aldeias”: “Marangmoxíngmo Mirang – das crianças Ikpeng para o mundo”. A repercussão foi fantástica, superando todas as expectativas. Após o filme, pedi que escrevessem sobre tudo o que mais lhes chamara a atenção: ação que os aproximavam e os afastavam, semelhanças e diferenças culturais... Em outro momento, solicitei que escrevessem uma carta para as crianças do filme, contando como eram as suas vidas na cidade e perguntando tudo o que eles desejassem saber sobre o universo que se descortinava diante de seus olhos, seus sentidos, sua sensibilidade. Antes, mostrei para a turma o livro chamado “Correspondência”, de Bartolomeu Campos Queirós, onde puderam se inspirar e se familiarizar com a linguagem das cartas. O resultado foi surpreendente, pois identificaram muitas semelhanças onde, antes, apenas imaginavam diferenças e se mostraram interessados por essa “nova” forma de comunicação, muito usada outrora.

Finalizando o trabalho sobre a matriz indígena, entreguei para cada aluno premiado texto do Concurso FNLIJ Tamoios de Textos de Escritores Indígenas

(hoje, um livro) “A Onça e o Fogo”, de Cristino Wapichana - recolhido do jornal da FNLIJ. Pedi que escrevessem uma carta para o autor, comentando, opinando ou criticando o texto e fizessem perguntas sobre o autor e sua vida. O resultado foi tão inesperado que resolvi entrar em contato com Cristino Wapichana para entregar-lhe as cartas.

Ele se mostrou muito feliz com a iniciativa e, para a minha surpresa e satisfação, respondeu a todas as cartas a ele enviadas. Não contei nada aos alunos. Quando cheguei à sala de aula e entreguei-lhes as respostas, eles quase não acreditaram! O tumulto festivo foi enorme! Minha felicidade e realização, maiores! A semente havia, finalmente, sido plantada. Resta-nos cultivá-la, fazê-la florescer e passar os seus frutos adiante.

Olhei para meus alunos e pude compreender além: mundos tão próximos e tão distantes formando um só tecido. Basta um primeiro passo para que o “reconhecimento” se estabeleça e, com ele, a memória do que fomos e somos torne-se ação. A Educação, de mãos dadas com a Cultura, com a Arte e com a Literatura, facilita o nosso belo processo de relembrarmos, de reconhecermos. De tecermos verdadeiramente o que somos. De sermos.